VIVÊNCIA ARTÍSTICA COM ARGILA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Camilly Vitória de Lima SILVA, Universidade Federal de São Carlos

Gabriella Pizzolante da SILVA, Universidade Federal de São Carlos

Eixo 03 - Educação para as relações étnico-raciais

Este trabalho foi realizado com apoio da CAPES - Código de Financiamento 001

Camillyvls@estudante.ufscar.br

Resumo

Este relato tem como objetivo apresentar uma vivência desenvolvida no contexto da Educação Infantil, articulando experiência estética, contato com a natureza e Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), a partir do encontro das crianças com as obras da artista Ana das Carrancas e com a argila como material de experimentação. A proposta foi realizada em um Colégio de Aplicação de uma Universidade Federal, no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com uma turma de crianças entre 2 e 3 anos. A proposta constituiu-se como desdobramento de um projeto da turma voltado à apresentação de mulheres importantes às crianças. Inicialmente, realizou-se uma roda de conversa retomando experiências anteriores e memórias das crianças; posteriormente, apresentou-se a artista Ana das Carrancas, mulher negra nordestina reconhecida por seu trabalho com esculturas em barro. Em seguida, as crianças exploraram livremente a argila, priorizando experiências sensoriais, expressivas e relacionais. A vivência evidenciou a potência de práticas antirracistas na ampliação do repertório cultural e étnico-racial das crianças, contribuindo para tensionar perspectivas eurocêntricas ainda presentes no currículo da Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação para as Relações Étnico-Raciais. Educação Infantil. Arte e natureza.

1. Introdução

Este relato considera que a Educação Infantil ainda é frequentemente marcada por uma lógica preparatória, que vê a criança principalmente como um sujeito em formação para as etapas futuras da escolarização. Em contraposição, defende a infância como um tempo presente de experiência plena, criação, produção de saberes e formas próprias de expressão.

Tal perspectiva compreende a criança como participante ativa dos processos vividos, implicada na construção de sentidos, relações e conhecimentos. Reconhecer a criança como sujeito da experiência implica considerar seus modos próprios de existir,

interpretar e se relacionar com o mundo, compreendendo suas expressões, interesses, repertórios culturais e produções como aspectos legítimos e significativos. Nessa direção, valorizar a participação das crianças nas experiências cotidianas pode favorecer a construção de contextos em que suas formas de expressão, seus modos de habitar o mundo e suas experiências sejam tomadas como legítimas e dignas de escuta no contexto educativo.

Assim, trabalhar a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) na Educação Infantil ganha especial relevância, pois é nesse período que as crianças começam a construir seu repertório cultural e o imaginário sobre o mundo, sobre si mesmas e sobre os outros. Quando o currículo oferecido é majoritariamente eurocêntrico e branqueado, as crianças são socializadas sob a naturalização da branquitude como norma, o que contribui para a reprodução e a legitimação das desigualdades sociais e raciais que estruturam a sociedade (Gomes, 2012).

Nesse horizonte, o presente relato apresenta uma vivência que promoveu o encontro das crianças com a artista Ana das Carrancas e com a argila como matéria de experimentação. A proposta articulou experiência estética e materialidade, potencializando dimensões sensoriais, expressivas e relacionais. A argila, nesse contexto, operou como matéria que convocou o corpo à ação, à transformação e à implicação com o mundo. Simultaneamente, a escolha da artista buscou ampliar o repertório étnico-racial, tensionando a centralidade eurocêntrica do currículo e abrindo outras possibilidades de produção de conhecimento e de sentido na Educação Infantil, ao inserir uma referência negra nordestina como produtora de arte e cultura, deslocando padrões recorrentes de visibilidade no contexto escolar.

2. Fundamentação teórica

A proposta fundamenta-se na Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), que visa promover o reconhecimento da diversidade cultural, o combate ao racismo e a valorização das histórias e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas no cotidiano escolar (Gomes, 2012). Conforme a Lei nº 10.639/2003, posteriormente ampliada pela Lei nº 11.645/2008, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena, é dever da escola oferecer referências que descolonizem o currículo eurocêntrico e branqueado ainda predominante, permitindo que as crianças construam imaginários plurais e positivos desde a primeira infância (Brasil, 2003, 2008).

Assim, consideramos que a ERER não atua apenas de forma reativa contra o racismo, mas também de maneira proativa, contribuindo para a construção de um imaginário mais plural, inclusivo e antirracista. Apresentar referências de mulheres

negras, artistas e produções afro-brasileiras desde cedo é fundamental para que todas as crianças possam desenvolver identidades mais afirmativas, de respeito à diversidade e uma compreensão ampliada da riqueza cultural brasileira (Gomes, 2012).

No campo da experiência, o trabalho dialoga com Larrosa (2014), que concebe a experiência como aquilo que nos afeta e transforma. Para o autor, a experiência não se reduz àquilo que simplesmente acontece, mas refere-se ao que efetivamente nos atravessa, produz marcas e deslocamentos, implicando disponibilidade para sentir, experimentar e construir sentidos a partir dos encontros vividos. Nessa perspectiva, a experiência desloca-se de uma lógica centrada apenas na transmissão de conteúdos para abrir espaço ao encontro, à sensibilidade e à produção de significados pelas crianças.

Articula-se ainda com o pensamento de Ailton Krenak (2019), ao considerar a criança implicada em uma rede de relações na qual não há separação entre humano e natureza, rompendo com a ideia de criança observadora de um mundo externo. Tal compreensão permite reconhecer a criança como parte constituinte das experiências que vive, produzindo relações com materiais, pessoas, territórios e narrativas, em uma dinâmica de implicação mútua. Assim, o encontro com a argila não é compreendido apenas como atividade ou recurso pedagógico, mas como possibilidade de envolvimento sensorial, imaginativo e relacional, no qual a criança age sobre e com o mundo, ao mesmo tempo em que é afetada por ele.

3. Procedimentos metodológicos

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência, modalidade de escrita acadêmico-científica que possibilita registrar, sistematizar e analisar uma vivência desenvolvida em determinado contexto formativo. Segundo Mussi, Flores e Almeida (2021), o relato de experiência não se limita à descrição dos acontecimentos, pois sua construção requer fundamentação teórica e reflexão crítica sobre a experiência vivida. Nessa perspectiva, o presente relato foi elaborado a partir da vivência das autoras no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), articulando a descrição da proposta pedagógica desenvolvida com sua análise à luz dos referenciais teóricos adotados.

A vivência foi realizada no dia 7 de abril de 2026, em um Colégio de Aplicação de uma Universidade Federal, como parte da atuação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no subnúcleo de Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), com uma turma de crianças entre 2 e 3 anos.

A proposta foi desenvolvida após um mês de envolvimento com a turma no âmbito do PIBID, por meio do acompanhamento de seu cotidiano e da participação em projetos já em desenvolvimento, o que possibilitou a construção de vínculos e a inserção da vivência em um contexto significativo para as crianças. A experiência aqui relatada configurou-se como um desses desdobramentos, uma vez que um dos projetos em curso na turma consiste na construção contínua de um mural, composto por imagens de mulheres importantes (como artistas, esportistas, entre outras), constituindo-se como um mosaico visual em permanente composição, o que indica um trabalho em andamento com ampliação de repertório e visibilidade.

A vivência iniciou-se com uma roda de conversa, momento em que as crianças foram convidadas a retomar memórias de vivências anteriores. Na sequência, Ana das Carrancas - Ana Leopoldina dos Santos (1923–2008), mulher negra nordestina e ceramista conhecida como “Dama do Barro” - foi apresentada por meio de imagens impressas da artista e de suas obras. Sua trajetória e seu trabalho com a produção de carrancas, esculturas tradicionalmente relacionadas à cultura do Rio São Francisco, foram trazidos para o centro da vivência.

Após apresentação sobre as carrancas, priorizou-se a exploração livre da argila como material natural. As crianças foram convidadas a manuseá-la livremente, explorando sua textura e possibilidades sensoriais. Esse momento permitiu experiências estéticas intensas, nas quais os corpos, os sentidos e as imaginações das crianças foram mobilizados. Em seguida, cada uma produziu sua própria criação. Destaca-se que no contexto foi priorizado o envolvimento das crianças com o material, diferenciando cheiro, textura e cores.

Figura 1. Exploração da argila pelas crianças durante a vivência.



Fonte: Acervo das autoras (2026).

As produções ficaram em exposição ao lado da porta de entrada da sala da turma, compondo as visualidades do corredor e, depois, cada criança levou sua obra para casa.

Figura 2. Produções realizadas pelas crianças a partir do encontro com as obras de Ana das Carrancas.



Fonte: Acervo das autoras (2026).

A elaboração deste relato apoiou-se nas observações realizadas durante a vivência, nos registros fotográficos e nas produções das crianças. Esses registros foram retomados e analisados em diálogo com os referenciais teóricos adotados, considerando os modos de participação, exploração e produção de sentidos construídos pelas crianças durante a proposta.

Os responsáveis legais autorizaram o uso das imagens das crianças por meio da assinatura de um termo. Ainda assim, buscando preservar a identidade, integridade e privacidade das crianças, os registros fotográficos foram realizados sem a exposição dos rostos, privilegiando imagens das mãos durante a exploração da argila e das produções realizadas.

4. Resultados e discussão

A proposta com a argila e com a obra de Ana das Carrancas permitiu sustentar um espaço no qual as crianças puderam participar da construção de sentidos a partir do encontro com a materialidade e com diferentes referências culturais. Ao retomar

memórias de propostas anteriores e ao se articular com um projeto já presente no cotidiano da turma, a vivência foi sendo tecida a partir de vínculos e referências que já faziam parte da rotina das crianças, o que possibilitou que o encontro com a artista e com a argila não aparecesse como algo isolado, mas como parte de um percurso já significativo.

Durante a vivência, as crianças demonstraram interesse pelas imagens apresentadas e pela argila, procurando os adultos para compartilhar descobertas, fazer perguntas e solicitar auxílio na experimentação de diferentes formas de manipular o material. Também permaneceram envolvidas na exploração por um período mais prolongado do que o habitual. Embora o planejamento previsse a possibilidade de produzirem esculturas inspiradas nas carrancas, as crianças construíram outros percursos e realizaram criações próprias. Esse movimento evidenciou que sua participação não se restringiu ao cumprimento de uma orientação adulta, mas envolveu escolhas, curiosidades e modos particulares de atribuir sentido à proposta.

A escolha pela exploração livre da argila também dialoga com essa compreensão. Em vez de conduzir a proposta para a reprodução de formas ou para um produto previamente esperado, priorizou-se o contato com a materialidade, com o cheiro, com a textura e com as transformações do barro. Isso abriu espaço para que as crianças se aproximassem do material a partir de seus próprios modos de agir, imaginar e produzir sentidos, sem reduzir o vivido a respostas únicas ou padronizadas.

Nessa direção, Larrosa (2014) contribui para pensar que aquilo que nos atravessa não se limita ao acontecimento em si, mas aos modos pelos quais somos afetados pelos encontros. A proposta, então, não se organizou apenas como apresentação de conteúdo, mas como possibilidade de relação com a matéria, com a artista e com aquilo que emergia das interações construídas pelas próprias crianças. Krenak (2019), por sua vez, ajuda a sustentar a compreensão de que não há separação entre humano e natureza, tornando significativo pensar a argila não apenas como recurso pedagógico, mas como matéria de relação, sensibilidade e implicação com o mundo.

Ao inserir Ana das Carrancas como referência negra nordestina, a proposta também tensiona a centralidade eurocêntrica ainda muito presente no currículo da Educação Infantil. Nesse ponto, a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) não aparece apenas como inclusão de um tema, mas como ampliação de repertório cultural e deslocamento de padrões recorrentes de visibilidade, valorizando referências historicamente silenciadas. Em diálogo com Gomes (2012), tal escolha reafirma a importância de construir, desde a primeira infância, relações mais plurais com a diferença e com a diversidade cultural.

Tal movimento também se aproxima das reflexões de Moruzzi (2011), especialmente ao tensionar perspectivas adultocêntricas que frequentemente posicionam a criança a partir da incompletude e daquilo que ainda irá se tornar. Reconhecer as crianças em suas formas próprias de participação, expressão e relação com o mundo implica também afirmar a legitimidade de seus modos de existir e significar aquilo que vivem.

5. Comentários finais

A proposta com argila, inspirada nas obras da artista Ana das Carrancas, buscou articular materiais naturais e Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), sustentando uma perspectiva comprometida com a ampliação de repertórios culturais e com o tensionamento de lógicas eurocêntricas ainda presentes no currículo da Educação Infantil. Mais do que inserir conteúdos sobre diversidade, a proposta procurou produzir outras possibilidades de relação com o conhecimento, com os materiais e com as referências culturais apresentadas às crianças.

Ao aproximar as crianças de uma artista negra nordestina e possibilitar o encontro com a materialidade do barro, reafirma-se a importância de propostas que reconheçam a infância como tempo de criação, sensibilidade e produção de sentidos. Em uma sociedade ainda profundamente marcada pelo adultocentrismo e pelo eurocentrismo, as contribuições da sociologia da infância (Moruzzi, 2011) tornam-se especialmente relevantes ao tensionar perspectivas que invisibilizam os modos próprios pelos quais as crianças participam, interpretam e se relacionam com o mundo.

Insistir em práticas comprometidas com referências étnico-raciais diversas desde a primeira infância constitui um movimento importante para a construção de uma educação mais sensível, democrática e antirracista, incidindo sobre os modos como as crianças passam a se relacionar com a diferença, com o outro e com as múltiplas formas de existência.

6. Principais referências

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 21 jul. 2026.

BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir

no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 21 jul. 2026.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 98–109, jan./abr. 2012. Disponível em: https://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/5_Gomes_N%20L_Rel_etnico_raciais_educ%20e%20descolonizacao%20do%20curriculo.pdf. Acesso em: 21 jul. 2026.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MORUZZI, Andrea Braga. A sociologia da infância: esboço de um mapa. *Educação: Teoria e Prática*, Rio Claro, v. 21, n. 36, p. 125–137, 2011. Disponível em: https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/3675. Acesso em: 21 jul. 2026.

MUSSI, Ricardo Fraklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60–77, 2021. DOI: https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010. Acesso em: 21 jul. 2026.